SAUSSURE E A NOÇÃO DE LÍNGUA COMO SISTEMA DE SIGNOS

SANTOS, Hélder Sousa¹

RESUMO: No presente artigo, as noções de *estrutura* e de *sistema* encontram-se problematizadas a partir de fatos que carecem ser postos em xeque em estudos de linguagem, sobremaneira, no que diz respeito à temerosa hesitação em tomá-las (ou não) como sinônimas; o que, efetivamente, não são. Dessarte, há que se destacar que as observações aqui arroladas sobre tais noções, (des)envolvendo particularidades “pertencentes” à ciência linguística, em muito poderão esclarecer ao leitor, visto que se tratam de construtos teóricos fundantes de nosso campo de estudo; daí, a saber, merecedores de serem (re)tomados em meio a uma indistinção que ainda persiste em diversos trabalhos de língua(gem).

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura. Língua. Sistema.

[...] é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2006, p. 132)

A epígrafe que escolhemos para, aqui, argumentarmos sobre a *noção de língua* enquanto *sistema de signos* — ou, mais exatamente, para refletirmos um pouco sobre modos de enunciá-la a partir do que, em estudos de linguagem, aparece caracterizado como sendo uma “estrutura” — nos diz bastante do empenho de Saussure (2006) face ao método que empregou para o erigir de sua ciência, a Linguística. Porém, antes de começarmos a discutir essa noção, há que se trazer em cena um breve inventário de fatos que certamente levaram esse estudioso de linguagem a conclusões que chegou para o (seu) objeto de estudo *língua*.

Sendo assim, ressaltamos, como em DUCROT (1968, p. 24), que “se se entender por estrutura toda organização regular, a pesquisa de estruturas linguísticas é tão velha quanto o estudo das línguas”, no caso, por exemplo, de estudos histórico-comparativos que se faziam entre as línguas no século XIX. Nesses estudos o uso da palavra “estrutura” já nos remete, pois, à simples ideia de *organização* de “dados” das línguas, como há tempos aparece também

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: helder_sousa@terra.com.br

caracterizada em gramáticas tradicionais. Na perspectiva dessas gramáticas, procurava-se apenas comparar as línguas, a fim de encontrar entre elas, exclusivamente, semelhanças de natureza fonética; decerto, tratava-se de um exercício comparativo que levava em conta a “realidade” das línguas a partir do que se supunha capaz de (pré-)determiná-las e de defini-las em termos de “relações dadas entre elementos” que, sob uma organização já pressuposta, evidenciariam a própria essência destes.

Essa percepção de “estrutura” enquanto organização, consoante discute Benveniste (1988), em *Problemas de Linguística Geral I*, exatamente em artigo que intitulou de “*Estrutura*” em *linguística*, não só se proliferou no terreno de estudos de linguagem, mas também em outros campos da ciência moderna do início do século XX, como na antropologia, sociologia, etc. Dessa proliferação, parafraseando Benveniste (1988, p. 97), resultaram designações como “estrutural”, “estruturalismo”, “estruturalista”; designações que levaram esse estudioso de linguagem a precisar estatutos que, vagamente, o termo “estrutura” assumia nas ciências em geral.

No que, em especial, concerne ao campo da linguística, esse estudioso nos esclarece de que foi da noção de “estrutura” — noção que em Saussure (2006) relaciona-se ao conceito de língua enquanto sistema de signos — que, aos olhos de linguistas da época, se erigiu toda uma ciência da língua(gem). Então, anterior a Saussure, se se tinha que estrutura estava para uma organização de elementos tomados como “preexistentes”, coube a essa ciência atribuir-lhe um papel-outro: o de ser uma organização que só é possível perceber entre dois termos, já que em meio a esses se fundam relações que (os) se mantêm na possibilidade determinarem um *valor* que os encerra.

Atentos a circunstâncias assim, as quais tocam a “noção de estrutura em linguística”, destacamos que, no caso da epígrafe que abre o presente texto, Saussure teve de assumir uma posição contrária aos estudos comparativistas do século XIX, sobremaneira, ante o modo com que eles lidavam com fenômenos linguísticos focando o conceito de “estrutura”. Ora, o método com que esse linguista aborda a questão procura colocar em evidência o fato de que não dá para pressupor um elemento sem relacioná-lo a um sistema do qual efetivamente este é parte. Daí, a nosso ver, ser necessário destacar que, em Saussure, é justamente a noção de “sistema” (na condição de um *todo*) que “ganha primazia em relação aos elementos que o compõem” (BENVENISTE, 1988, p. 98), e não o contrário, suas *partes* nos fazendo perceber e reconhecer um *todo*.

Sob perspectiva saussuriana, então, o sistema linguístico, nas palavras de DUCROT (1968, p. 66), “[...] não é construído pela reunião de elementos preexistentes; não se trata de ordenar um inventário dado em desordem, de ajustar as peças de um quebra-cabeças”. Tanto é verdadeiro isso que prossegue Ducrot (ibidem) alertando-nos de que “a descoberta dos elementos e a do sistema constituem uma única tarefa”: a tarefa de se poder descrever uma língua a partir de relações entre unidades que a compõem, excluindo-se disso qualquer substância “própria” a essas mesmas unidades.

Sendo essa a noção — a de língua enquanto sistema e não a de uma língua como organização e regularidades dadas por ela mesma — com que Saussure (2006) lida ao se colocar como fundador de um método de estudo (o Estruturalismo, que só mais tarde assim ficou conhecido), *a priori*, para as línguas, fica para nós que nada existe de antemão que faça pressupor um simples signo, como, por exemplo, “arbor”. No caso deste signo (“arbor”), como nos esclarece Saussure (2006), em seu *Curso de Linguística Geral* (CLG), exatamente no capítulo que chama de “O valor linguístico”, ele só poderá ser reconhecido diante da possibilidade de representar uma ideia justamente na relação que mantém com outros elementos do sistema de que é parte e ainda diante da posição que ocupa no sistema da língua. Ou seja, o signo “arbor”, bem como suas unidades só têm existência na relação que mantém com o sistema da língua — é preciso, então, que ele (se) negue àquilo que outro signo não é, marcando, pois, uma oposição com outros significantes da língua e até mesmo com outros significados.

Face a essas considerações, parece ficar claro que o termo “estrutura” em linguística não se equivale à noção de “sistema” o qual Saussure (des)envolve no/o CLG, posto que, conforme lembra-nos Benveniste (1988, p. 98), “Saussure jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra *estrutura*” em formulações que construiu para nos dizer de um possível método descritivo para as línguas. Para Saussure, a noção central do que mais tarde designou-se nos estudos de linguagem por “Estruturalismo” é senão a de sistema.

Eis nisso, sem dúvida alguma, aludindo-nos a Benveniste (idem, p. 99), a noção exata para explicarmos um pormenor: a noção de sistema. Entretanto, o fato de assumirmos que é preciso descobrir o sistema e seus elementos não nos impede de pensarmos em uma estrutura que comporte relações que demandam do/o próprio sistema da língua. Neste caso, cumpre fazer uma ressalva, recorrendo-nos a SAUSSURE (2006, p. 133), para assumirmos também que a noção de “estrutura”, em linguística, *pode*, sim, estar “intimamente lidada à de ‘relação’

no interior do sistema”. Quanto a isso, nas palavras de Benveniste (1988, p. 102), é oportuno destacarmos que:

Trata-se, pois, propondo-se a língua como sistema, de analisar-lhe a *estrutura*. Cada sistema, sendo formado de unidades que se condicionam mutuamente, distingue-se dos outros sistemas pela organização interna dessas unidades, organização que lhe constitui a estrutura. Certas combinações são frequentes; outras, mais raras; outras enfim, teoricamente possíveis, não se realizam nunca.

Ante a essa passagem bevenistiana, a prudência que temos de ter então está exatamente no fato de não negarmos a noção de “estrutura” em linguística para nos coadunar unicamente à ideia de “sistema”, a qual Saussure realmente assumiu para si em seus estudos de linguagem. No que toca a essas noções, há, sim, mal-entendidos quando se propõe a falar de trabalhos de Saussure. Todavia, não se pode perder de vista o fato de que, por excelência, estão nas relações — relações que o próprio sistema da língua permite a seus usuários construir — as múltiplas possibilidades, combinações que são capazes de produzi-lo, e de, também, fomentar uma realidade a “seus” próprios elementos que passarão a constituí-lo. Disso, conseqüentemente, decorre uma estrutura — estrutura que, a princípio, não pode ser pré-concebida como sendo a condição de funcionamento de uma língua.

Enfim, “estrutura *em linguística*” — mesmo que não apareça enunciada em Saussure — não está para uma substância *pressuposta*, a princípio, *dada*. A língua de que Saussure fala é caracterizada por ele enquanto *forma*, daí então significar-se enquanto é-feito relacional, opositivo e negativo de seus elementos, ou ainda, como assume Saussure (2006), *um sistema de signos solidários*. Nesse sentido, “estrutura”, seria *uma propriedade que, antes de tudo, decorre do sistema da língua*; “seus” elementos, decerto, em parte, podem ser representados, contanto que deles não se busque uma soma, um acúmulo de signos, mas que, acima de tudo, se faça percebê-los enquanto um todo de solidariedades demandadas por um sistema que resta senão descobrir.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988.
- DUCROT, O. **Estruturalismo em linguística**. São Paulo: Cultrix, 1968.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.